

# “Calibanismo” de americano atrai críticas

Da equipe de articulistas

Em artigo de 1920, Sérgio Buarque de Holanda critica a imitação no Brasil do “utilitarismo” norte-americano, contrário ao espírito intelectual e à liberdade individual do povo latino-americano, apoiando-se no ensaísta uruguaio José Enrique Rodó. Em “Ariel” (1900), Rodó parte do triângulo dramático constituído pelo senhor Próspero, o espírito Ariel e o selvagem Caliban de “The Tempest” (A Tempestade) de Shakespeare. Na comédia de Shakespeare, Caliban, anagrama criado a partir de “canibal”, representa a “natureza” em estado bruto, em oposição à arte e ao conhecimento, personificados por Próspero, duque de Milão desterrado na ilha, que logo domina seu selvagem habitante.

Rodó toma Caliban como símbolo do utilitarismo selvagem e nefasto da sociedade norte-americana, em contraste com a suposta espiritualidade dos países latinos, encarnada em Ariel. O espírito da América ibérica é valorizado em oposição à negatividade da Anglo-América. O crítico cubano Roberto Fernández Retamar aborda, em “Caliban e Outros Ensaios” (Editora Busca Vida, 1988), essa e outras releituras de “A Tempestade” na literatura europeia e latino-americana.

Em “O Espelho de Próspero” (Companhia das Letras, 1988), o historiador norte-americano Richard M. Morse evoca os personagens de Shakespeare no título, tomado de empréstimo a “Mirador de Próspero” (1913), de Rodó. Deverá ser lançado este ano pela mesma editora um volume de ensaios de Morse, “A Volta do McLuhanismo”.

Morse parte do pressuposto da superioridade moral da cultura ibérica, tida como mais humana e cordial. Os países latino-americanos são enfocados como imagem especular e invertida da Anglo-América, não escondendo o historiador sua quase irrestrita simpatia pelas formas comunitárias da parte ibérica



De Bry (1592) retrata o canibalismo, frequente metáfora cultural, como os personagens de “A Tempestade”

do continente. Em sua irregularidade e relativo atraso, a Ibero-América é tomada como alternativa ao “Grande Desígnio Ocidental” e à desumanização e tecnificação da sociedade de massas contemporânea.

Morse tem colocações instigantes: postula a existência de padrões distintos de civilização ocidental e a constituição da sociedade ibérica como o resultado de opções culturais antecipadoras da mentalidade moderna. Neste sentido, é reveladora sua sofisticada e erudita análise do modo específico de entrada da Espanha na época moderna. Ao não aceitar as implicações das revoluções científica e religiosa, o mundo ibérico reformulou e manteve padrões do período formativo da civilização ocidental. Com base no “Kulturpessimismus” da Escola de Frankfurt, em particular de T.-W. Adorno e M. Horkheimer, valoriza Morse a Ibero-América como isenta do desencanto e da deterioração da

personalidade do Ocidente anglo-saxão.

“O Espelho de Próspero” provocou reações críticas de José Guilherme Merquior, em conferência no mês de setembro na Universidade de Harvard, EUA, e de Simon Schwartzman, com recente artigo nos “Novos Estudos Cebrap” (nº 22, outubro de 1988). J.G. Merquior e S. Schwartzman rejeitam a tentativa de Morse de resgatar a tradição ibérica como resposta à crise moral do Ocidente. Para Merquior, os problemas da sociedade latino-americana —o Estado patrimonial e autoritário, o capitalismo periférico, a modernização superficial— devem ser superados através da racionalidade e da modernidade. Merquior traça a diferença entre o “calibanismo” de Richard Morse e o “canibalismo” de Oswald de Andrade. Enquanto a posição de Morse implica o elogio da resistência à modernização, a Antropofagia brasileira constitui um símbolo da incorporação crítica do Ocidente metro-

politano, assimilado como base de uma tradição nacional.

## O público e o privado

Os pontos de contato entre a obra de Sérgio Buarque de Holanda e “O Espelho de Próspero” de Richard Morse vão além da referência episódica a Shakespeare ou ao ensaísmo de J.E. Rodó. S. Buarque de Holanda e R. Morse recorrem ao conceito de patrimonialismo, formulado por Max Weber em “Wirtschaft und Gesellschaft” (Economia e Sociedade), como sobreposição entre o domínio público e a propriedade privada, e retomado por Raymundo Faoro em “Os Donos do Poder” (1958). Opondo-se à glorificação nostálgica do passado senhorial e à idealização da tradição luso-brasileira, Sérgio Buarque de Holanda considera que a evolução brasileira se processará rumo à liquidação das “raízes” ibéricas e da mentalidade rural, em benefício da civilização urbana e cosmopolita.

(Roberto Ventura)

Reprodução/“Mythen der neuen Welt”

Reprodução/“Shakespeare”

